

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: Amaz. / Internac.

Data: 02/04/94 Pg.: 134

O abraço da semana

A Amazônia
ameaçada —
tem a palavra o
general Santa Cruz

Carlos de Araújo Lima

De novo no tema. O Brasil é grande e complexo demais para que nele os livros que valem e impõem o interesse de todos ganhem circulação nacional. Quando muito circulam na unidade em que seus autores vivem. Foi levando em conta essa realidade, tão negativa no ponto de vista cultural, que o presidente Castelo Branco criou o Conselho Nacional de Cultura que medrou algum tempo e acabou se derretendo por falta de verba. A Farsa da Preservação da Amazônia, livro que queima por sua lúcida objetividade e convincente realismo, publicação que mereceu um expressivo prefácio de Umberto Calderaro Filho, diretor de A CRÍTICA de Manaus, é uma leitura que sacode a consciência de todo leitor que tenha o equilíbrio suficiente de ver e a sábia disposição de raciocinar com isenção. Fernando Collier soube somar nesse notável ariete de verdades. Foi ouvir o general Santa Cruz de Abreu, um brasileiro sólido, que voou mais de quatrocentas horas sobre todo território da Amazônia, passou dois anos e meio no comando militar da selva e ao dizer sobre a realidade amazônica reprime entusiasmos e se dispõe a sempre se ater no círculo da objetividade vista, estudada e vivida. Diz ele que precisaria de duas vidas para, de fato, conhecer a Amazônia. Diz mais, muito mais, nessa entrevista que reputamos histórica por seus fundamentos: "Para os países do denominado Primeiro Mundo, talvez, seja muito interessante que nós não concorramos nesse mercado (o da cassiterita). Uma área la-

nomâmi, lá em Roraima, onde existe uma concentração muito grande de minérios, basicamente, cassiterita, se você preservar esse território indígena, estará, de certa forma, impedindo que se desenvolva a lavra e a mineração da cassiterita. Isso é um exemplo. O outro, que poderia ser citado, é o problema da BR-364 (Cunabá-Porto Velho-Cruzeiro do Sul) com possibilidade de atingir através de Pucallpa, no Peru, ou várias alternativas, o Oceano Pacífico, o que nos abriria uma rota livre para o mercado oriental, que é muito promissor, como a China, o Vietnã, Coreia e Japão. Enfim, todos os países que estão com uma forte economia e são dependentes do mercado através do Panamá. E nós, para chegarmos a esse mercado, teríamos que dar a volta lá pelo sul, através do estreito de Magalhães, o que alongaria os nossos fretes na ordem de 16 mil quilômetros, aproximadamente, inviabilizando qualquer tipo de comércio, porque o encareceria muito.

O general Santa Cruz diz e demonstra assim. A trama internacional, na extirpação emocional, histórica e afrescailhante da ecologia e da preservação florestal, aproveita com toda a força da mídia o caso Chico Mendes para sepultar o projeto e a solução que precisa vir no interesse do Brasil. Esse é um dos muitos exemplos. Por essas e outras é que Arthur Cezar Ferreira Reis, o fabuloso defensor da intocabilidade amazônica, afirmou: "O Brasil tem vivido como nação atlântica e algumas vezes como nação platina. Nunca se realizou como nação amazônica". Sim, e o futuro vai provar que o Brasil será o máximo possível do Brasil quando se realizar como nação amazônica.